

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

Naiuri Braga

**A UTILIZAÇÃO DO ESPORTE ORIENTAÇÃO COMO FERRAMENTA DE
PROMOÇÃO DA SAÚDE NO POSTÃO DA CRUZEIRO: REFLEXÕES SOBRE A
RELAÇÃO SAÚDE, SUS E EDUCAÇÃO FÍSICA**

Porto Alegre
2016

Naiuri Braga

**A UTILIZAÇÃO DO ESPORTE ORIENTAÇÃO COMO FERRAMENTA DE
PROMOÇÃO DA SAÚDE NO POSTÃO DA CRUZEIRO: REFLEXÕES SOBRE A
RELAÇÃO SAÚDE, SUS E EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Educação Física
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, como exigência parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Educação Física.

Orientador: Prof^o Dr. José Geraldo Soares Damico

Porto Alegre
2016

Naiuri Braga

**A UTILIZAÇÃO DO ESPORTE ORIENTAÇÃO COMO FERRAMENTA DE
PROMOÇÃO DA SAÚDE NO POSTÃO DA CRUZEIRO: REFLEXÕES SOBRE A
RELAÇÃO SAÚDE, SUS E EDUCAÇÃO FÍSICA**

Conceito final:

Aprovada em de de

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Dr. Roberto Amorim - UFRGS

Orientador – Prof^o Dr. José Geraldo Soares Damico - UFRGS

Agradecimentos

Agradeço à minha família pelo apoio, aos meus coleg@s e amig@s pelo auxílio e incentivo, ao professor José Otávio Franco Dornelles responsável pelo meu encantamento pelo esporte Orientação, ao professor José Geraldo Soares que aceitou ser meu orientador e, em especial, a equipe do projeto de extensão Jogos em Rede que esteve o tempo todo ao meu lado auxiliando na organização e desenvolvimento da atividade que deu origem a esse trabalho.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. ASPECTOS DA CORRIDA DE ORIENTAÇÃO	10
3. METODOLOGIA	13
4. A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO NO POSTÃO DA CRUZEIRO	14
4.1. O CONTEXTO E O CONVITE.....	18
4.2. A CONSTRUÇÃO DA ATIVIDADE.....	19
4.3. O ACONTECIMENTO	28
5. É MUITO FÁCIL SE PERDER LÁ DENTRO	33
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXO I.....	38
ANEXO II.....	41
ANEXO III.....	43

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como se dá a inserção de elementos da cultura corporal do movimento no SUS, trata-se de pensar a saúde não apenas de forma biológica, mas, sim no seu conceito ampliado que vai além da ausência de doenças e traz elementos de direito social que também participam na condição e manutenção da saúde como ter acesso a moradia, trabalho, educação, segurança, cultura e lazer, entre outros. Refletir sobre as ações da Educação Física na saúde, através da análise do processo de construção de uma atividade que ocorreu em setembro deste ano, e que foi desenvolvida no evento Olimpíadas Culturais da Grande Cruzeiro. A metodologia utilizada foi a cartografia. O objeto da pesquisa foi a construção da atividade Corrida de Orientação, que foi organizada em parceria com a equipe do projeto de extensão Jogos em Rede da ESEFID/UFRGS, representantes da comunidade local, gestores do Postão da Cruzeiro, entre outros. Cerca de 70 crianças, com faixa etária entre 7 e 15 anos de idade, participaram da atividade que teve duração de uma hora e trinta minutos. Assim, serão apresentados neste trabalho o relato de uma atividade (corrida de orientação no Postão), reflexões sobre possibilidades de relação Saúde, SUS e Educação Física; a capacidade de utilizar um dado esporte como ferramenta para a familiarização do espaço de saúde; e por fim, o processo de construção coletiva da atividade.

LISTA DE SIGLAS

AMAVITRON – Associação de Moradores da Vila Tronco

AMOVICS – Associação de Moradores da Vila Cruzeiro do Sul

CBO – Confederação Brasileira de Orientação

ESEFID - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança

IOF – International Orienteering Federation

RGOP - Regras Gerais e Orientação Pedestre

SUS – Sistema Único de Saúde

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

US – Unidade de Saúde

1. INTRODUÇÃO

O esporte orientação, como parte de meu exercício profissional tem me proporcionado diferentes possibilidades de construção de saberes e reflexão sobre a atuação da Educação Física. Orientação é uma corrida em que o praticante tem que passar por vários pontos marcados no terreno no menor tempo possível com o auxílio de um mapa e uma bússola. Geralmente esse esporte tem como campo de jogo a natureza, ou seja, matas, florestas, reservas, entre outros. Porém, desta vez, me deparei com uma situação inusitada...

Fui convidada pelo professor Luiz Fernando Silva Bilibio, para compor a equipe do Jogos em Rede, projeto de extensão da ESEFID/UFRGS que desenvolve ações de lazer, esportivas e culturais, visando a promoção da saúde na região da grande Cruzeiro, na cidade de Porto Alegre (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2016). A equipe do projeto atua nesse território¹ desenvolvendo ações de promoção da saúde em parceria intersetorial e com a comunidade local. As ações que utilizam são baseadas no encontro, na sociabilização e têm o intuito aproximar novamente as pessoas daquele território, assim criaram as Olimpíadas Culturais da Grande Cruzeiro.

A proposta das *Olimpíadas Culturais da Grande Cruzeiro* visa resgatar antigas e despertar novas parcerias locais na direção da garantia dos direitos sociais e da busca da qualidade de vida na região da grande Cruzeiro, por meio de uma programação descentralizada de cultura, lazer, esporte e saúde. É inerente a proposta que sua construção ocorra em rede intersetorial, com o protagonismo dos atores locais.

Cabe salientar que a noção supracitada foi elaborada pelo grupo de organização em uma das reuniões sistemáticas do projeto, o que denota o caráter coletivo da ação.

Foi para auxiliar numa atividade que aconteceria na segunda etapa desse evento que fui convidada para fazer parte da equipe com o desafio de auxiliar numa corrida de orientação a ser desenvolvida no Centro de Saúde da Vila dos Comerciários (Postão). Contudo, como organizar uma corrida de orientação num equipamento de saúde? Será que somente o conhecimento técnico que possui é

¹ *Território*: nos sistemas de saúde significa que a distribuição dos serviços de saúde segue a uma lógica de delimitação de áreas de abrangência (PEREIRA E BARCELLOS, 2006). Na qual existem superposições de intenções de diferentes atores e conflitos (RAFFESTIN, 1993 *apud* PEREIRA; BARCELLOS, 2006).

suficiente para desenvolver uma atividade que faça sentido às pessoas daquele lugar? Quem são essas pessoas? Como é esse lugar? E por que a orientação?

Tomada por uma série de dúvidas, decidi que seria uma oportunidade interessante de aprendizagem realizar meu trabalho de conclusão de curso a partir do desafio colocado pela equipe do Jogos em Rede. Assim, a busca pela questão norteadora deste trabalho foi o próximo passo, uma vez que ela serviria de guia para a tentativa de responder as minhas inquietações. Acredito que mesmo após o término do trabalho, independente do percurso a ser traçado, dos seus obstáculos, rotas nem sempre claras, o relógio dos dias e das muitas tarefas, as tomadas de decisão e finalmente a linha de chegada continuarei com muitas dúvidas e angústias sobre como a educação física atua no campo da saúde coletiva.

Como se dá a inserção de elementos da cultura corporal dentro dessa perspectiva? Como é que uma dada prática corporal produz sentidos na vida das pessoas, e que sentidos são esses? Colocando de outra forma, como é que se desenvolvem ações que façam/produzam sentido para uma determinada população, e até que ponto ou de que forma atingem essas pessoas? Será que conseguimos realizar algum tipo de atividade seja de cunho pedagógico ou mesmo de lazer sem conhecer a população alvo da nossa intervenção, suas crenças e peculiaridades, sem conhecer o local onde moram e a realidade em que vivem?

Estou levantando todas essas questões para compartilhar com os leitores um pouco da minha inquietação sobre de que forma a Educação Física está se relacionando com as ações e serviços públicos de saúde, mais especificamente, a interface da Educação Física com o Sistema Único de Saúde (SUS). Os sentimentos de angústia e incerteza que tentei expor são frutos de uma atividade que realizei junto a comunidade da Cruzeiro como parte de um projeto de extensão que atua no território da Grande Glória-Cruzeiro-Cristal.

Retomando a questão norteadora, trata-se de pensar a saúde não apenas de forma biológica, e sim no seu conceito ampliado que diz que saúde não é apenas a ausência de doença; ter saúde é também ter acesso à moradia, trabalho, educação, segurança, cultura, lazer, entre outros.

Neste trabalho, descrevo a atividade de Orientação que realizei junto a equipe do Jogos em Rede. Penso que a relevância dessa experiência está na tentativa de compreender a relação Saúde, SUS e Educação Física; na capacidade

de utilizar um esporte como ferramenta para a familiarização do espaço de saúde, que nesse caso foi o Postão; e por fim, o que para mim foi o mais precioso nesse trabalho, o processo de construção coletiva da atividade que teve a participação de representantes da comunidade local, da comunidade acadêmica da ESEFID/UFRGS, dos gestores do Postão, entre outros que fazem parte do grupo condutor das Olimpíadas Culturais da Grande Cruzeiro.

2. ASPECTOS DA CORRIDA DE ORIENTAÇÃO

Este capítulo se fez necessário devido à indispensabilidade de apresentar o esporte orientação que, apesar de nos últimos anos estar crescendo no Brasil, ainda é pouco conhecido.

O nome *orientação* vem da palavra, em inglês, orienteering. Os termos *orienteering* e *orientation* possuem significados diferentes na língua inglesa, mas, em português, ambos são traduzidos como *orientação*. Quando o esporte chegou aos países de língua latina, estes países tiveram dificuldades com o termo genérico *orientação* e passaram a usar *corrida de orientação* ou *la carrera de orientación*. Após a filiação destes países a International Orienteering Federation (IOF), entidade internacional de administração do esporte, recomendou-se que retirassem do nome do esporte as palavras *corrida* e *carrera*, ficando apenas Orientação. (DORNELLES, 2007)

A orientação é muito praticada nos países europeus e chegou no Brasil, na de 1970, como uma modalidade esportiva dos militares. No nosso país, é desenvolvida com maior intensidade nas regiões sul e sudeste, inclusive é na região sul que se encontra a Confederação Brasileira de Orientação (CBO). Segundo a CBO, em sua Regra 1, orientação é definida como um esporte no qual os competidores navegam de forma independente através do terreno. Os competidores devem visitar uma série de pontos de controle marcados no terreno no menor tempo possível, auxiliados somente por mapa e bússola.

O percurso, definido pela localização dos pontos de controle, não é revelado aos competidores antes de suas partidas (Regras Gerais e Orientação Pedestre - RGOP, 1999 *apud* DORNELLES, 2007). É possível realizar a atividade de forma individual (o indivíduo executa independentemente), com revezamento (dois ou mais

competidores de uma equipe participando sucessivamente), ou em equipe (dois ou mais indivíduos participando juntos) (FERREIRA 2004 *apud* SCHERMA 2010).

O orientista² recebe da organização da corrida, no momento da partida, um mapa detalhado da região com pontos discriminados graficamente em forma de círculos sobre os mais variados objetos no terreno, ligados e numerados em sequência, chamados *ponto de controle*, esses são representados por *prismas* (uma tela com três faces com dimensões de 30 x 30 centímetros, sendo cada face dividida em dois triângulos equiláteros nas cores branco e laranja) que são previamente colocados no terreno. (Figura 1)

Figura 1 - PRISMA - Identificação do ponto de controle



Fonte: Acervo da disciplina de Tópicos Especiais em Educação Física II – Corrida de Orientação.

Para completar um percurso o orientista deve passar por uma sequência ordenada dos pontos de controle que devem ser atacados, que no campo de corrida estão representados por um prisma numerado, essa sequência é apresentada no *cartão de descrição*. Esse cartão é entregue ao participante separadamente do mapa momentos antes do início da corrida.

Pode se dizer que a orientação é como uma CAÇA AO TESOURO. (...) Na orientação usamos o mapa, que chamamos mapa de orientação. Nele está contido o que é óbvio no terreno, visível, perfeitamente identificável de valor para o ponto de vista do praticante, a fim de que o mesmo tenha sucesso em uma competição. (PASINI *et al*, 2001 *apud* PASINI 2004 p. 20).

Esse detalhamento do mapa é necessário devido a uma das características da modalidade esportiva que é navegar em terreno desconhecido. O praticante

² *Orientista*: como é chamado o praticante do esporte Orientação.

precisa confiar no que está descrito (cartografado) no mapa para poder encontrar os pontos de controle e, assim, passar pelo percurso com tranquilidade e convicção nas suas escolhas de rota.

O esporte Orientação também se caracteriza pela utilização do equipamento de navegação bússola, instrumento “utilizado na orientação para a medida de ângulos horizontais, orientação no terreno e da carta (mapa). [...] Suas medidas são determinadas por uma agulha magnetizada, a qual indica, por princípio da física terrestre, a direção chamada de *Norte magnético*”. (ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, 1992, p.35 *apud* SOARES, 2013). O ângulo formado entre o norte magnético e a direção que se escolheu é chamado de *azimute*. O orientista precisa *azimutar* várias vezes ao longo da corrida devido à necessidade de estabelecer uma direção a ser seguida ao longo do percurso, direção que o levará a cada ponto de controle e conseqüentemente ao final da corrida.

A modalidade esportiva apresenta quatro vertentes: competitiva, ambiental, de turismo e pedagógica (CBO, 2012):

- A vertente *competitiva* constitui-se num conjunto de ações destinadas a formação do atleta;
- A vertente *ambiental* diz respeito à produção das normas de proteção ambiental da competição, às regras e às ações educativas que envolvem organizadores e atletas, tendo como objetivo assegurar o mínimo de impacto ao meio;
- Como produto *de turismo* a Orientação é uma atividade que Promove o deslocamento de pessoas para a prática do lazer e esporte de forma recreacional e competitiva, em ambientes naturais e espaços urbanos;
- A Orientação como vertente *pedagógica*, corresponde ao conjunto de ações que visam colocar o esporte de Orientação a serviço do aluno. Nesse caso, procura-se melhorar a qualidade do ensino e a motivação do aprendiz, não importando o desempenho, mas, sim, a participação e a formação do indivíduo para o exercício da cidadania e para a prática do lazer.

O esporte orientação pode acontecer através de todas as vertentes, de forma simultânea ou com enfoque específico em uma ou mais delas, essa necessidade varia de acordo o objetivo da corrida, sua intenção.

Em outra perspectiva, ao considerar a história da orientação, surge a ideia na qual este esporte europeu:

passou a ter mais significado quando um corredor de longa distância, que também era matemático, se propunha a resolver um problema de matemática que necessitava de três horas de trabalho mental para sua resolução, antes de começar uma prova de maratona. Desta maneira, tinha

certeza de que não se aborreceria com a monotonia apresentada por uma corrida deste tipo. Assim, ele faria os 42 Km da maratona numa atividade completa, ocupando tanto a mente como o corpo. (SOARES, 2013)

Significado; essa foi a palavra que mais chamou minha atenção quando li sobre essa história. Desde então, sempre que tenho que pensar em alguma prática procuro levar em consideração o significado que essa terá para o praticante. Ele pode ser positivo ou negativo, no entanto suspeito que, quando olhamos para o outro e tentamos nos aproximar da sua realidade para criar e desenvolver alguma atividade, me parece que esse significado se potencializa. Penso que nesse sentido é crucial se aproximar do contexto das pessoas a quem será destinada a prática corporal, que no caso deste trabalho foi a orientação no Postão. Esta aproximação à vida e a este equipamento social foi fundamental para tentar adaptá-la, fazendo com que a significação fosse assertiva. O capítulo a seguir é dedicado a apresentação da metodologia utilizada, e tem como intenção explicar de que forma foi percorrido o caminho deste trabalho.

3. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho foi a cartografia devido a característica do mesmo que procurou trazer questionamentos sobre a relação da educação física com a saúde, no SUS. Outro aspecto relativo à escolha dessa metodologia foi a necessidade de fazer apontamentos a partir da atividade desenvolvida que ocorreu num cenário de incertezas e insegurança, num território marcado pela violência urbana, mas que não deixa de ter coisas bonitas.

Pensando o conceito de método me pareceu interessante aqui o sentido atribuído por Drawin (2001 *apud* ROMAGNOLI, 2009, p.169), em que método corresponderia a um caminho levado a um fim, associado a uma “reivindicação de um trabalho, de um renovado esforço, o que não seria necessário se já se possuísse uma fórmula prefixada, e se o caminho para o conhecimento já houvesse sido conquistado”.

O termo *Cartografia* utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre *territórios* e dar conta de um *espaço*. Assim, *Cartografia* é um termo que faz referência à ideia de “mapa”, contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido no mundo

cartografado (FONSECA; KIRST, 2003, p. 92 *apud* PRADO FILHO; TETI, 2013).

Me pareceu interessante a escolha desse método devido às características dos acontecimentos decorridos durante a construção da Corrida, que se transformava a cada reunião. Uma transformação que também ocorria comigo, assim como com a minha tentativa de entender aquele território, aquele contexto e a minha própria atuação.

De acordo com Filho e Teti (2013) a cartografia não se refere a método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas, sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência.

Assim, a cartografia que de certa maneira é a arte de desenhar mapas, também implica no exercício de caminhar num território inusitado, buscando torná-lo conhecido, tornar familiar algo ou uma circunstância que ainda nos é estranho. Essa foi a necessidade desse trabalho, acompanhar sua construção, a relação que se deu entre educação física – Saúde – SUS no Postão, tentando minimizar o estranhamento entre os mesmos, e algumas inquietações que tive ao pensar na tarefa ao qual fui desafiada a implementar. Quando fui convidada para compor a equipe Jogos em Rede, aceitei a função de auxiliar na construção de uma corrida de orientação no Postão, esse convite ocorreu devido ao meu conhecimento técnico do esporte, porém a atividade em questão era algo novo para mim; não tinha ideia de como, para que e com quem trabalharia tanto no que diz respeito à construção da corrida, quanto no que tange a própria corrida. Essas respostas foram surgindo ao longo do processo de construção da atividade no Postão, por isso a escolha desse método de escrita.

4. A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO NO POSTÃO DA CRUZEIRO

Por que fazer uma corrida de orientação no Postão? Essa foi a primeira pergunta que fiz ao receber o convite para compor a equipe do Jogos em Rede. Para me situar fui conhecer o Postão.

O Postão fica localizado na rua Professor Manoel Lobato, 151, no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Este equipamento de saúde faz parte da Rede de Atenção às Urgências de complexidade intermediária, entre a Atenção Básica à Saúde e a Rede Hospitalar, funcionando 24 horas por dia, todos os dias da semana, inclusive em feriados e pontos facultativos.

De acordo com o site da Prefeitura de Porto Alegre, ele oferece os serviços de Clínica Médica, Pediatria, Saúde mental (ininterruptos), Odontologia, Traumatologia, Pequenos Procedimentos Cirúrgicos e Setor de Radiologia. Com infraestrutura de 4.000 m², possui sala de atendimento e observação (adulto e pediátrico), seis consultórios médicos, três consultórios odontológicos, além de salas para curativos, gesso e pequenas cirurgias. Também oferece pronto atendimento em saúde mental, dispondo de oito leitos na sala de observação, bem como a viabilização de encaminhamentos para internação em hospitais da rede pública.

Foi nesse local que ocorreu a atividade de corrida de orientação, num dispositivo de saúde que normalmente procuramos e utilizamos quando temos algum problema, onde dificilmente marcaríamos um encontro para sociabilizar.

Curiosa, por não conhecer o Postão e o território ao qual pertence fui até o endereço supracitado acompanhada da equipe do Jogos em Rede, nesse momento entendi a intenção de fazer uma corrida de orientação naquele lugar: *É muito fácil de se perder lá dentro!* Ele é muito grande e repleto de passagens, cada andar tem um subnível que dá a ilusão de ter outro andar no mesmo. Enfim, a primeira visita que fiz ao local deu um nó na minha cabeça.

Conversando com o pessoal que me acompanhava na visita, me foi relatado que a ideia surgiu durante uma das reuniões da equipe de organização das Olimpíadas, e que todos concordaram que seria interessante oferecer uma atividade que utilizasse o Postão de forma inusitada, que possibilitasse um momento para o encontro, um momento para brincar junto.

Essa brincadeira foi se transformando no decorrer do percurso de construção, recebendo um caráter pedagógico que teve como intenção a tentativa de aproximação das pessoas daquele território com o Postão e com a saúde enquanto direito social. Nesse sentido, a utilização do esporte orientação foi como a de uma ferramenta, um veículo para o desenvolvimento da promoção da saúde onde o objetivo inicial foi o brincar, já que, segundo as premissas das Olimpíadas o que

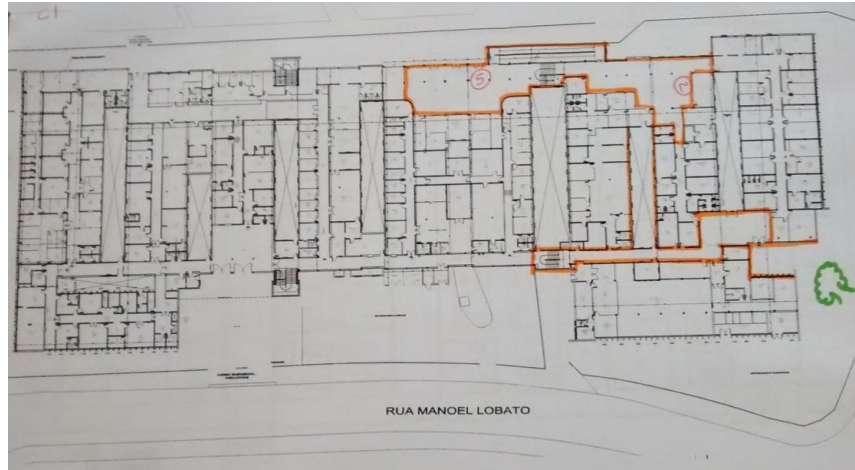
impera é o lazer como dispositivo de encontro entre as pessoas do território, foi a diversão e a alegria de estar juntos.

Toda brincadeira é de certa forma uma interação, e interação supõe uma interpretação das significações dadas aos objetos (ações, indivíduos) dessa interação, dessa forma a experiência do brincar não pode ser transferida para o indivíduo, pois este é co-construtor. Assim, a criança vai agir em função da significação que vai dar a esses objetos, adaptando-se à reação dos outros elementos da interação, para reagir também e produzir assim novas significações que vão ser interpretadas pelos outros (BROUGÈRE, 1998). Entendo que o brincar tem sentido em si e que a construção de significado a partir do brincar vai depender da interpretação que a criança dará ao objeto, que no caso foi a corrida de orientação no Postão. Não sei dizer até que ponto essa interpretação e construção de significados são suficientes para mudar algo na cultura das pessoas, mas acredito que é através de nossas experiências que construímos nossas percepções.

As intenções que foram surgindo ao longo do processo de construção e organização da brincadeira foram tentativas de algo a mais, da vontade que conhecessem os serviços e sua respectiva localização, vontade de propor de alguma forma educação para a saúde e para cidadania, vontade de estar junto.

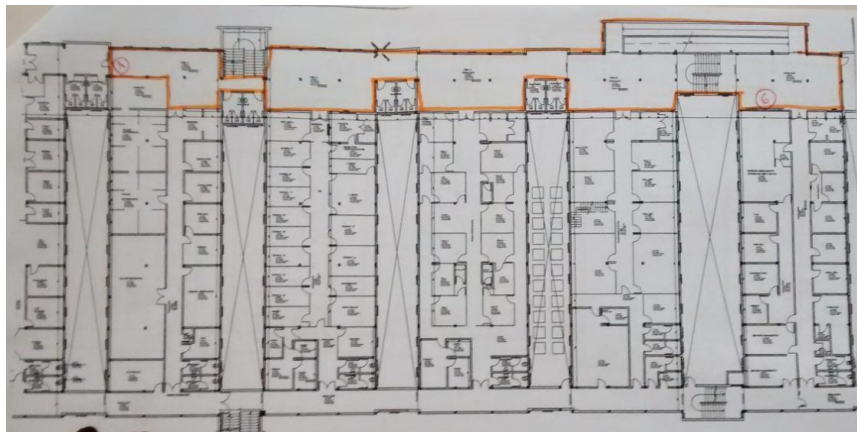
Na orientação utilizamos alguns equipamentos que nos dão subsídios para assegurar a escolha do caminho ideal a ser seguido durante o percurso, assim como para nortear sobre onde devemos ir. Entre esses equipamentos estão o mapa, a bússola e o cartão de descrição. O mapa de orientação do Postão foram as plantas arquitetônicas do mesmo, no entanto, sentimos a necessidade de realçar no mapa a área de circulação permitida durante corrida devido às muitas áreas restritas e em funcionamento, os participantes não poderiam acessá-las para não prejudicar o andamento das atividades rotineiras daquele equipamento de saúde, assim como, para não comprometerem sua própria segurança ao ingressar num local de periculosidade. As figuras 2, 3 e 4 apresentam os mapas dos três níveis do Postão com o destaque da área permitida para tráfego.

Figura 2 - área permitida para tráfego no 1º andar



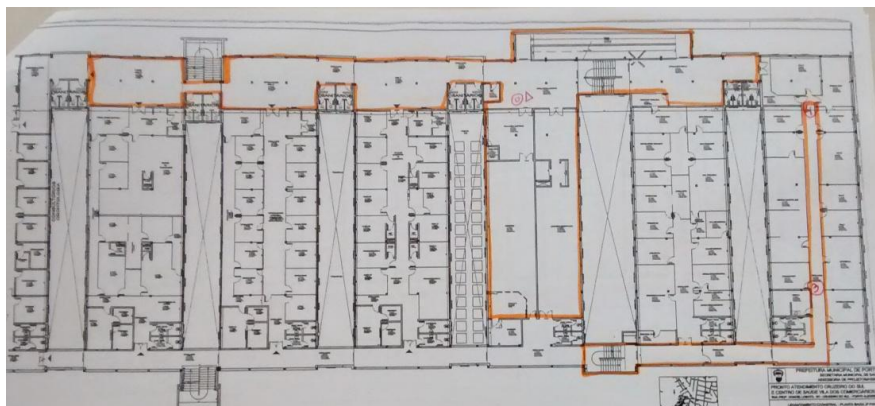
Fonte: Acervo do Projeto de Extensão Jogos em Rede – UFRGS

Figura 3 - área permitida para tráfego no 2º andar



Fonte: Acervo do Projeto de Extensão Jogos em Rede – UFRGS

Figura 4 - área permitida para tráfego no 3º andar



Fonte: Acervo do Projeto de Extensão Jogos em Rede – UFRGS

O cartão de descrição, geralmente, é entregue ao participante separadamente do mapa, porém no caso do Postão este ficou fixado no verso do mesmo. A bússola não foi empregada, por não haver necessidade da sua utilização dentro do prédio, já que foi possível se orientar e localizar os pontos de controle apenas com os mapas do local. O esporte orientação também apresenta vertentes da modalidade, pensando nelas, podemos dizer que no caso da atividade que foi desenvolvida do Postão a que mais se destacou foi a vertente *pedagógica*, por proporcionar aos seus participantes a vivência de uma atividade que da mesma forma que apresenta um caráter lúdico também possibilita algum tipo de aprendizado.

No capítulo subsequente, apresento um breve relato de como fui parar no Postão, o contexto daquele território e algumas das inquietações que tive devido ao pouco conhecimento que tinha (e ainda tenho) sobre de que forma a Educação Física se relaciona com a saúde no SUS.

4.1. O Contexto e o Convite

Tudo começou na disciplina de *práticas corporais na rede de atenção básica de saúde* que tive a felicidade de cursar no segundo semestre de 2015, durante uma roda de conversa voltada para a apresentação dos colegas e troca de experiências relatei minha experiência com a corrida de orientação como atleta e técnica. Nessa roda de conversa o professor responsável pela disciplina achou interessante o esporte e me questionou se era possível desenvolver essa atividade em um prédio? Respondi que sim, desde que tivéssemos o mapa do local. Assim, no semestre seguinte fui convidada para compor a equipe do projeto Jogos em Rede com a função de auxiliar a organização de uma das atividades das *Olimpíadas Culturais da Grande Cruzeiro* em sua 2ª etapa que ocorreu em Setembro deste ano.

Fiquei muito feliz com o convite, porém um pouco preocupada, pois o conhecimento que tinha era apenas da técnica do esporte, não compreendia muito sobre como a Educação Física através de suas diversas manifestações pode inserir-se no SUS. Como construir coletivamente uma atividade que fosse uma prática corporal (entendida como brincadeira) que tivesse cunho pedagógico e, ao mesmo tempo, permitisse aos participantes maior empowerment (empoderamento, em português) da sua realidade social e das possibilidades de mudança?

O empoderamento é um dos conceitos estruturantes da promoção à saúde, sendo central em ações e estratégias como *participação comunitária, educação em saúde e políticas públicas saudáveis*. De acordo com Carvalho e Gastaldo (2008), o empoderamento apresenta dois sentidos principais: o psicológico e o social.

O psicológico tem como objetivo possibilitar que os indivíduos tenham *um sentimento de maior controle sobre a própria vida*. Indivíduo empoderado é aqui sinônimo de uma pessoa “comedida, independente e autoconfiante, capaz de comportar-se e de uma determinada maneira e de influenciar o seu meio e atuar de acordo com abstratos princípios de justiça e de equilíbrio.” (RIGER, 1099 *apud* CARVALHO e GASTALDO, 2008)

O empoderamento social pode ser considerado um processo que conduz à legitimação e dá voz a grupos marginalizados e, ao mesmo tempo, remove barreiras que limitam a produção de uma vida saudável para distintos grupos sociais. Indica processos que procuram promover a participação social visando ao aumento do controle sobre a vida por parte de indivíduos e comunidades, à eficácia política, a uma maior justiça social e à melhoria da qualidade de vida. (CARVALHO E GASTALDO, 2008)

A intenção e tentativa de empoderamento que procuramos desenvolver com a atividade de corrida no Postão foi a partir do conceito de empoderamento social, devido à ideia de educação para a saúde; não significa “negar os elementos que compõem o empoderamento psicológico, uma vez que reconhece a importância do agenciamento humano, é ir além, é insculpir a importância do enfrentamento das causas de iniquidade social” (CARVALHO e GASTALDO, 2008). Nesse sentido, me pareceu relevante apresentar essa citação que explica os sentidos do empoderamento.

Devo lembrar que essas apostas surgiram após eu receber o convite para compor a equipe do Jogos em Rede, ou seja, ao longo do percurso de construção da atividade *corrida de orientação no Postão*.

No capítulo a seguir apresento a forma como se desenvolveu a construção da atividade, o percurso realizado e as rotas que foram selecionadas até chegarmos ao grande acontecimento que foi a corrida de orientação no Postão.

4.2. A construção da atividade

A atividade *corrida de orientação no Postão* foi formada por várias pessoas de diferentes setores e percorreu um caminho que levou à além do brincar, levou à uma tentativa de familiarização e apropriação de um equipamento de saúde que é um direito social dos moradores daquele território, e à busca da compreensão (por

menor que seja) do conceito ampliado de saúde. Compreendidas as intenções que permeavam a atividade o público e o contexto a quem foi destinada a corrida chega, então, o momento de construí-la.

Para organizar a dinâmica da corrida tornou-se imprescindível o mapeamento de aspectos que poderiam ser relevantes na atividade, como público alvo, objetivo da atividade, disponibilidade de espaços e equipamentos, entre outros. Após algumas reuniões com o *grupo de organização*, ficou definido que:

- O público alvo seriam crianças e adolescentes com faixa etária entre 7 e 18 anos de idade pertencentes ao território da Glória/Cruzeiro/Cristal;
- A atividade deveria permitir a familiarização com Postão e com os serviços que são oferecidos pelo mesmo;
- Proporcionar de alguma forma educação sobre saúde;

Os participantes da corrida foram crianças e adolescentes moradores de diferentes locais do território da Grande Cruzeiro, oriundos das Associações de Moradores da Vila Tronco (AMAVITRON), da Associação de Moradores da Vila Cruzeiro do Sul (AMOVICS), alunos das escolas Estaduais Alberto Bins, Álvaro Braga e da Escola Aberta, e crianças do território em geral que participaram das Olimpíadas no dia, totalizando ± 70 participantes.

Definidos o público alvo e as intenções da corrida, pode-se, então, pensar sobre o mapa do local, assim, foram solicitadas as plantas arquitetônicas atualizadas do Postão. Essa solicitação foi feita ao senhor Raimundo Teruhiko Ito, responsável pela manutenção do Postão, que enviou as plantas dos três níveis do prédio por email. Em posse das plantas realizamos duas visitas de campo para reconhecer o local e demarcar os pontos de passagem no mapa de gabarito.

Uma dessas visitas aconteceu em companhia de uma trabalhadora da saúde que conhecia bem o prédio e seu funcionamento. Ela explicou que muitos serviços e espaços são utilizados mesmo no final de semana (pronto atendimento, pronto atendimento em saúde mental, internação, entre outros) e que algumas áreas são restritas apenas aos funcionários. Dessa forma, na hora de selecionar os pontos de passagem, procurou-se respeitar essas particularidades do Postão para não interferir no funcionamento desse durante a corrida.

Ciente do objetivo da corrida, e dos cuidados que deveria ter ao selecionar os pontos de controle (passagem) o próximo passo foi defini-los e marcá-los no mapa. Porém, essa corrida era diferente, não podia simplesmente escolher pontos aleatórios e colocá-los no mapa, não nesse caso. Tratava-se do Postão, um equipamento que é direito social e que teria serviços em funcionamento. Nesse sentido, somente as pessoas que atuam no local e/ou usufruem do Postão estariam capacitadas para dizer que espaços e serviços do Postão seriam pontos interessantes a serem marcados no mapa. Por isso foi imprescindível a participação do pessoal da gerência do Postão, assim como de todo o grupo de organização para dar suporte na seleção dos pontos, pois sem essa informação não conseguiria traçar um percurso que fosse significativo para os participantes.

Cada ponto de controle tornou-se algo de extrema importância. Organizamos, a equipe do Jogos em Rede e eu, uma listagem com os possíveis pontos de controle, porém só decidimos quais fariam parte do percurso após uma das reuniões onde tivemos a oportunidade de apresentá-la à Daniele Cerqueira, trabalhadora da gerência. Deste modo, ficaram definidos como pontos de controle do percurso os seguintes serviços e espaços:

No 1º andar:

- Ponto 31: Unidade de Saúde (US) Mato Grosso;
- Ponto 32: US Vila dos Comerciários;
- Ponto 33: Árvore da entrada de funcionários;
- Ponto 34: Entrada Principal do Postão (acesso pela rua Moab Caldas).

No 2º andar:

- Ponto 35: Farmácia Distrital;
- Ponto 36: Laboratório Central;
- Ponto 37: Serviço de Atendimento Especializado DST/AIDS (SAE);
- Ponto 38: Área de Curativos Especializados;
- Ponto 39: Centro Especializado Odontológico (CEO).

E, no 3º andar:

- Ponto 40: Gerência de Saúde Glória/Cruzeiro/Cristal;
- Ponto 41: Laboratório de Integração (LABIN);

- Ponto 42: Centro de Referência Tuberculose;
- Ponto 43: US Medianeira;
- Ponto 44: Equipe Especializada na Saúde da Criança e do Adolescente (ESSCA);
- Ponto 45: Núcleo de Apoio à saúde da Família (NASF);

Os serviços e espaços supracitados foram estratégicos, procuramos colocar no percurso as três US que se encontram no prédio, serviços especializados e de apoio e espaços como o acesso ao Postão. Colocamos como ponto uma árvore que fica na entrada pelo estacionamento (de funcionários) por dois motivos: primeiro porque era naquele espaço que estava acontecendo o evento das Olimpíadas, assim passar por ali colocava a todo instante os participantes da corrida em contato com os demais e segundo por representar o esporte na natureza, que é uma das características da orientação. O anexo II, apresenta as imagens dos mapas de gabarito já com a marcação dos pontos de controle.

Ficou definido que a atividade seria realizada por equipes, sendo cada equipe composta por 7 ou 8 integrantes, e que esses trabalhariam em duplas ou trios. Então, cada equipe tinha duas duplas e um trio ou uma dupla e dois trios. Formaram-se 8 equipes, que foram nomeadas por cores: **Verde**, **Azul**, **Amarelo**, **Preto**, **Cinza**, **Roxo**, **Vermelho** e **Marron**. Cada participante recebeu uma identificação da equipe pertencente. Essa ideia surgiu com base nas identificações que cada atleta de uma olimpíada ganha ao se inscrever, já que a corrida seria uma das atividades do evento *Olimpíadas Culturais da Grande Cruzeiro*, pensamos que seria interessante para as crianças se sentirem como os atletas e também pela necessidade de identificar quem pertencia a cada equipe. A figura 5 apresenta a imagem de uma das fichas de identificação.

Figura 5 – Ficha de identificação dos participantes



Fonte: Acervo do Projeto de Extensão Jogos em Rede – UFRGS

A divisão dos sujeitos nas equipes não foi pensada apenas pelo critério organização, foi pensada porque muitas daquelas pessoas nunca tinham estado no Postão, algumas das crianças que participariam da corrida eram muito pequenas e, por mais que tivessem vontade de brincar, poderiam ficar com medo de fazer o percurso sozinhas e também tínhamos a intenção de proporcionar interação e integração entre esses sujeitos. A integração entre as pessoas daquele território é um dos motivos de estar acontecendo aquele evento, como não pensar isso ao organizar a atividade, seria como ir de encontro com as premissas das Olimpíadas. Assim, foi por conveniência que dividimos os participantes em pequenos grupos. Cada dupla ou trio da equipe recebeu um mapa do Postão, nesse mapa estavam marcados os pontos de controle a serem encontrados, bem como a sequência ordenada dos pontos de passagem.

As reuniões do grupo de organização seguiram e surgiram outras ideias, porém uma encantou a todos, a intenção de incorporar na corrida uma ação pedagógica que possibilitasse uma educação para a saúde.

Muitas pessoas desconhecem seus direitos, a Constituição Federal de 1988 diz em sua seção II, da saúde, que

Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

Art. 198. As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único, organizado de acordo com as seguintes diretrizes:

I - descentralização, com direção única em cada esfera de governo;

II - atendimento integral, com prioridade para as atividades preventivas, sem prejuízo dos serviços assistenciais;

III - participação da comunidade.

O art. 196 faz menção, entre outras coisas, ao direito de acesso a serviços de promoção da saúde, as Olimpíadas e, conseqüentemente, a atividade relatada nesse trabalho são ações de promoção de saúde. O art. 198 cita o SUS e suas diretrizes, entende-se que para esse trabalho teve maior relevância uma delas, a de participação da comunidade, já que para construir a corrida foi extremamente importante a participação das pessoas que vivem e trabalham naquele local, sem

essas pessoas a atividade estaria desconectada da realidade das pessoas que participaram do evento e da atividade aqui apresentada, sem a cooperação dessas pessoas a corrida de orientação no Postão seria apenas mais uma prática assistencial da Educação Física.

Sei que estou relatando a construção da atividade, mas não posso deixar de falar sobre esse assunto, a forma como a educação física tem se relacionado com a saúde, a atividade de orientação no Postão foi pautada pela articulação com os serviços de saúde e não apenas com a minha inserção enquanto educadora física ocorreu dessa forma porque a lógica da organização para a construção da atividade foi centrada no usuário, tendo em vista ele e o que tem sentido na sua vida como referência para se pensar a atividade. Não foi apenas a minha adição à equipe que fez existir a participação da educação Física nos serviços de saúde, mas sim a minha vontade e esforço em fazer parte desse coletivo, em compreender de que forma a minha profissão faz sentido e opera na saúde no SUS, foram esses aspectos que me motivaram a escrever sobre a experiência que tive ao participar dessa construção, pois foi através dela que pude ver outra forma da educação física trabalhando com a saúde.

Inicialmente, tive muita dificuldade para compreender essa relação da forma que compreendo hoje, pois a maioria das disciplinas do curso falam em aspectos relacionas a aptidão e condicionamento físicos, da importância da prática regular de exercícios físicos em intensidade moderada para a manutenção da saúde, no que diz respeito a aspectos biológicos. Passei a graduação inteira ouvindo e aprendendo sobre isso, então quando fiz uma disciplina que falava em saúde mental, social, em rede intersetorial e trabalho multiprofissional em prol da promoção da saúde e que a educação física também deveria trabalhar pensando nesses aspectos, já que o ser humano não é apenas o físico, me perdi, tive que desconstruir algumas a visão que tinha sobre a profissão para entender o que o professor queria dizer. Nem sei quantas vezes durante a aula eu perguntei: o que é mesmo que a educação física faz na saúde no SUS? Muitas vezes o professor tinha acabado de dar uma resposta e eu questionava de novo! Confesso que as coisas que ele dizia fizeram muito sentido após a minha participação na construção dada corrida, vi que nosso trabalho vai muito além do que eu imagina, aprendi a importância de ouvir o outro, de compreender seu perfil e suas necessidades. Penso que a visão que tenho da

educação física hoje é muito diferente, mas eu gosto mais dessa, ela menos limitada! Foram muito significativas as reuniões que aconteceram, pois foi através do pensar coletivamente que pode me transformar, por isso esse relato é tão precioso para mim, por isso a vontade de compartilhar cada processo da construção e transformação.

Devo ressaltar que não pude participar das reuniões periódicas de forma presencial, porém sempre me mantive atualizada sobre as ideias, intenções e repercussões das mesmas através da equipe do Jogos em Rede. Foi dessa forma que pude ir adaptando a prática que foi desenvolvida no dia das Olimpíadas. A única reunião que participei de corpo presente foi a que ocorreu na semana em que aconteceu o evento e, mesmo sendo as vésperas do grande acontecimento, muitas coisas importantes saíram desse encontro, como os pontos estratégicos que fizeram parte do percurso e as frases pedagógicas para educação em saúde.

Para compor a intenção pedagógica dentro da corrida pensamos na ideia de montar um quebra-cabeça que quando montado formasse uma frase sobre o conceito ampliado de saúde. Essa sacada do grupo foi muito boa, porque coloca a educação para a saúde como um tesouro e nos tempos de hoje, com nossos atuais governantes, é interessante formar sujeitos críticos-reflexivos, capazes de exercer seus direitos como cidadãos. Direito de acesso à saúde, à educação, à moradia, ao emprego, ao lazer, enfim, a ter uma condição digna de vida!

Pensando em tudo o que representa educar para a saúde, enquanto direito social, para o exercício da cidadania e com o intuito de empoderamento social, foi construído um texto sobre o conceito ampliado de saúde. Esse foi dividido em dez frases (uma para cada equipe). Procurou-se manter uma linguagem clara, objetiva e de fácil entendimento, adaptando alguns termos conceituais para aproximá-los à fala e compreensão dos praticantes. Assim, o texto voltado para a educação em saúde ficou da seguinte forma:

1. Ser saudável não é só estar sem nenhuma doença ou machucado no corpo. Ter saúde também é ter casa para morar, comida para comer, escola, segurança, praças para brincar com os amigos e muito mais. Isso é um direito de todas as pessoas!

2. Para garantir o direito a saúde existe um grupo grande de serviços que precisam trabalhar juntos – saúde, educação, cultura, lazer, trabalho, habitação, segurança e outros: isto é rede intersetorial.
3. A saúde é um dos setores mais importantes para garantir os direitos sociais de todos. O nome desta rede de serviços de saúde é SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE – SUS.
4. Usar os serviços do SUS é direito de todos e todas; um direito garantido na maior Lei brasileira: a Constituição Federal.
5. O direito à saúde foi conquistado há muitos anos atrás, por muita gente que lutou por isto! Este foi o ‘movimento da reforma sanitária brasileira’.
6. A saúde é um direito de todos, independentemente de sexo, raça, cor, etnia, gênero, renda, ocupação e qualquer outra característica social ou pessoal.
7. No prédio onde corremos existem vários serviços do SUS que podemos utilizar. Mas para facilitar o uso destes serviços é importante primeiro ir às unidades de atenção básica (posto de saúde).
8. Saúde é muita coisa e o SUS é muito grande. Assim, é importante ter serviços do SUS perto das nossas casas. Estes serviços são as Unidades Atenção Básica ou Unidades de Saúde da Família. Os profissionais que trabalham nestas unidades cuidam da saúde das famílias nas diferentes regiões da cidade.
9. São muitos os profissionais que trabalham no SUS. Algumas destas profissões são: agente de saúde, medicina, enfermagem, odontologia, fisioterapia, psicologia, educação física, farmácia, serviço social, fonoaudiologia, terapia ocupacional, biomedicina, medicina veterinária, biologia, nutrição, entre várias outras profissões.
10. Para o SUS funcionar da melhor maneira, todos precisam cuidar dele. Todos nós podemos participar dos espaços de controle social do SUS; isto é exercer a cidadania! (Construção da equipe do projeto de Extensão Jogos em Rede, 2016)

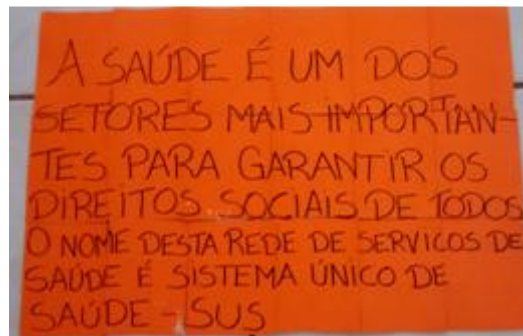
Cada frase do referido texto tornou-se um quebra-cabeça de dezoito peças. Em cada ponto de controle pelo qual as equipes passassem teriam peças do quebra-cabeça, essas deveriam ser pegadas e levadas ao ponto inicial da corrida

(auditório), uma a uma. Recolhidas todas as peças, que estavam espalhadas pelo prédio, a equipe poderia, então, montar o quebra-cabeça e, assim, descobrir a frase oculta. As figuras 6 e 7 apresentam um dos quebra-cabeças que foram construídos e utilizados na corrida.

Figura 6 – Peças do quebra-cabeça



Figura 7 – Quebra-cabeça montado



Fonte: Acervo do Projeto de Extensão Jogos em Rede – UFRGS

Para encerrar a atividade o grupo de organização pensou que seria interessante fazer uma roda de conversa para falar sobre os serviços, espaços e sobre as frases, pois somente passar pelos locais onde se localizam os serviços não era suficiente para compreendê-los, da mesma forma as frases educativas poderiam ter interpretações distintas, de acordo com o conhecimento que cada sujeito possui sobre saúde, ou serem incompreendidas, nesse caso a roda de conversa serviria para elucidar sobre a intenção de cada frase do tema saúde.

O capítulo a seguir, intitulado *O acontecimento* apresentará um relato de como ocorreu a atividade corrida de orientação no dia do evento, assim, me pareceu relevante anunciar que a forma de escrita mudará um pouco devido a essa seguir de acordo com minhas anotações e memória das sensações que tive durante o desenvolver da corrida.

4.3. O acontecimento

A corrida estava programada para acontecer no meio da manhã, porém, logo no início do dia nos foi informado que algumas crianças chegariam mais tarde. Meu coração que já estava a mil, subiu para a garganta. Ai meu *Deuzinho* como assim vão atrasar? Isso não estava previsto! Assim tive que controlar ainda mais meu nervosismo e ansiedade, deixar tudo pronto e aguardar. Enquanto aguardávamos a chegada das demais crianças, a equipe do Jogos em Rede e eu aproveitamos para participar das oficinas que estavam acontecendo no evento. Perto do meio dia chegaram as crianças e podemos, então, iniciar a atividade.

A atividade foi anunciada pelo cerimonialista das Olimpíadas, o professor Bilibio, que pediu para todas as crianças se reunirem ali onde estávamos e que nos acompanhassem o até o auditório do Postão para explicarmos como a atividade aconteceria. Observando as crianças pude notar olhares de desconfiança sobre a corrida, mas ao mesmo tempo elas se mostraram dispostas a participar. Quando chegamos ao auditório me deu um branco, por onde eu começaria? Com a explicação do que é orientação? Era isso que tínhamos combinado anteriormente ou primeiro faríamos as inscrições das crianças nas equipes? Tínhamos revisado isso momentos antes de buscar as crianças, mas eu não lembrava, então pensei: acho que devo começar pela explicação do esporte, olhei para o lado e vi uma colega que acenou positivamente com a cabeça como se estivesse lendo meus pensamentos.

Assim, iniciamos a atividade com uma breve explicação sobre o que é o esporte orientação e sobre como ele aconteceria naquele local, informando da necessidade de formarem equipes de 6, 7 ou no máximo 8 integrantes e que dentro das equipes eles formassem duplas e/ou trio, preferencialmente de um adolescente com uma criança pequena, para que essas se sentem mais seguras. Foi nesse momento que algumas professoras e responsáveis que estavam acompanhando as crianças perguntaram se também poderiam participar da brincadeira, obviamente respondemos que sim! Definidas as duplas essas se direcionaram para o local destinado a inscrição onde receberam uma ficha da respectiva equipe que fariam parte. O momento da inscrição foi muito legal porque notamos que muitas pessoas tinham acabado de se conhecer pela necessidade de formar as equipes, isso se evidenciava quando perguntávamos: nome, por favor? Fulano; e o da tua dupla?

Pera aí, meu qual é o teu nome? Sicrano! Isso chamou minha atenção, pois era um sinal que eles estavam se dispondo para a brincadeira.

Para identificar quais eram as crianças que faziam parte de cada equipe pedi que quando eu chamasse o nome da equipe os integrantes dessa levantassem a mão. Aí veio a surpresa, chamei a equipe amarelo e umas dez crianças levantaram as mãos, o mesmo aconteceu quando chamei a equipe vermelho, nesse momento me dei conta de que tinha algo errado, tinham muitas pessoas nas equipes. E agora o que eu faço? Falei com uma colega sobre o fato e ela repetiu a minha pergunta, e agora o que faremos? Apavorada recorri ao professor Bilibio, que a essa altura já tinha percebido que havia algo errado, e relatei sobre o excesso de crianças nas equipes e que isso atrapalharia o desenvolvimento da atividade. Eu não acreditava que depois de tanto trabalho aquilo estava acontecendo, revisamos várias vezes o que devíamos fazer para neutralizar qualquer possível erro. Travei, minha vontade era de chorar, não sabia como reverter a situação, foi então que o professor, momentaneamente, tomou a frente da atividade. Informou que seria necessário refazer a divisão das equipes, pediu paciência e para que todos permanecessem em seus lugares que iríamos até eles para redistribuir as pessoas nas equipes.

O que levou a esse contratempo foi uma falha de comunicação entre as pessoas da organização. A pessoa responsável pela impressão das fichas de inscrição previu que no dia poderiam ter mais participantes do que o esperado e imprimiu fichas a mais para cada equipe, devido à falta de comunicação os responsáveis pela inscrição (eu e mais dois colegas) utilizaram todas as fichas, na hora de conferir quem fazia parte de cada equipe percebemos o erro. Refizemos a distribuição das pessoas nas equipes para que estas tivessem no máximo oito integrantes e, finalmente, explicamos as regras da brincadeira:

- O percurso deve ser realizado em duplas e não se pode abandonar dupla no meio do caminho;
- Deve-se cumprir a sequência de pontos de passagem que está descrita no verso do mapa;
- Só pode pegar uma peça por vez e essa deve ser depositada na caixa com a cor da sua equipe, que se encontra no ponto de início e término da corrida, o auditório do Postão;

- É proibido esconder peças do quebra-cabeça de outras equipes para ganhar vantagem;
- É proibido saltar de um andar para o outro através da rampa;
- A montagem do quebra-cabeça será permitida somente após todas as peças serem encontradas e depositadas na caixa;
- A montagem do quebra-cabeça deve ser realizada por todos os integrantes da equipe;
- Terminada a tarefa todos devem permanecer no auditório para fazermos uma roda de conversa.

Durante as orientações sobre as regras aconteceu outro fato atrapalhou a dinâmica da atividade, enquanto eu falava sobre as regras da brincadeira uma pessoa, num gesto de carinho com as crianças, começou a distribuir balas fazendo com que a atenção dessas fosse desviada para as balas e não para as regras, isso fez com que tivéssemos que explicar mais de uma vez as orientações da brincadeira e, mesmo após o início da corrida, que algumas crianças tivessem dúvidas sobre como proceder na brincadeira. Sei que foi um gesto de carinho da pessoa, mas me chateei porque foi mais uma coisa que atrapalhou o desenvolvimento da atividade! Explicadas as orientações e regras da brincadeira entregamos a cada dupla um mapa contendo os pontos de passagem pelos quais teriam que passar, os lembrando de que a sequência dos pontos estava descrita no verso do mapa. Feito isso foi dada a largada para a corrida e eu finalmente respirei tranquilamente, agora era só curtir as crianças brincando e eventualmente auxiliar sobre alguma dúvida.

Quando as crianças saíram correndo dentro daquele posto parecia que tinha estourado uma manada (risos), o prédio chegou a tremer (mais risos). Eles saíram enlouquecidos atrás das peças do quebra-cabeça, mesmo os que tinham a intenção de fazer a atividade caminhando se empolgaram com o entusiasmo dos demais e quando vimos também estavam em disparada. Naquele momento o medo e a desconfiança que alguns demonstraram inicialmente havia desaparecido, o que víamos eram sorrisos, muita correria, concentração, esforço para cumprir a tarefa, estímulo com frases do tipo: *meu já foram seis, bóra ajudar o pessoal a achar as outras!*, solidariedade, pois muitos que nem eram da mesma equipe ajudavam as pessoas que estavam com mais dificuldade para ler o mapa e muita diversão. Fiquei observando as crianças e os demais participantes, estava feliz, pois, apesar de tudo

que tinha acontecido inicialmente, naquele momento eu podia contemplar a alegria daquelas pessoas, aquela correria que eu adoro, a empolgação, os sorrisos. Foi muito bom e muito lindo esse momento pra mim!

A equipe *preto* foi a primeira a conseguir completar o percurso e a terminar a montagem do quebra-cabeça. Quando essas crianças completaram a tarefa e iniciaram a sua comemoração parecia que tinham ganhado um campeonato muito importante tamanha a felicidade daquelas crianças; eles se abraçavam, pulavam, gritavam, vibravam com tanta energia que foi contagiante, ao mesmo tempo que isso nos deu alegria por a brincadeira estar correndo bem, também motivou os demais participantes a completar a tarefa. Ao término da montagem dos quebra-cabeças, todos os participantes foram direcionados para o interior do auditório para realizarmos uma roda de conversa. Nesse momento, distribuimos água às crianças e pedimos para que se acomodassem nos assentos para conversarmos um pouco sobre a corrida.

Assim que todos estavam calmos e acomodados, convidamos uma das trabalhadoras da gerência do Postão para fazer uma fala sobre a importância que teve, para todos os envolvidos com o evento, a presença e a participação deles naquele dia e nas atividades que estavam acontecendo. Ao falar especificamente sobre a corrida, essa trabalhadora, que estava muito emocionada, explicou sobre cada ponto de passagem que foi selecionado para compor o percurso; o nome dos serviços e para que serviam. Essa fala foi elucidativa e proporcionou que os participantes pudessem associar o local ao serviço.

Após, realizamos uma troca de ideias. (Não sei se posso chamar de roda de conversa o que aconteceu? Por isso coloquei dessa forma). Nesse momento a fala foi feita pelo professor Bilibio, que forma descontraída lia uma frase por vez e esperava a manifestação da equipe que reconhecesse tal citação como o seu quebra-cabeça. Os participantes levantavam a mão para expressar sua identificação, e o professor perguntava o que eles tinham entendido e o que eles pensavam sobre o assunto? Foi muito legal ver as crianças/adolescentes falarem sobre a compreensão que tiveram das frases.

Para encerrar a atividade, entregamos as crianças algumas lembranças, escovinhas de dentes doadas pela equipe do serviço de odontologia do Postão e mini prismas (figura 8) confeccionados por mim e pela equipe do Jogos em Rede.

Figura 8 – Imagem do mini prisma



Fonte: Acervo do Projeto de Extensão Jogos em Rede – UFRGS

O mini prisma foi ideia minha, pensei que seria interessante presentear-los com algo que os lembrassem da corrida de orientação, assim, apesar da dúvida de algumas pessoas do grupo de organização sobre conseguirmos confeccioná-los a tempo do evento, compramos o tecido e todo o material necessário para fazer os mini prismas. Levei para casa, medi, cortei e mandei para a costureira, após buscá-los na costureira (que fez um precinho camarada já que era para as crianças) ainda tinha que terminá-los, precisava passar um arame por dentro das extremidades superiores e inferiores do tecido para dar forma ao prisma, assim fiquei até às 2h da manhã da véspera do evento confeccionando o presente. Pode parecer pequeno este ato, mas acredito que foi importante tanto pra mim, pois queria que levassem, de alguma forma, uma lembrança da corrida no Postão, quanto para as crianças, pois é sempre bom receber um presente. Entendo que o ato de presentear mostra que a pessoa pensa em você com carinho.

Não posso falar sobre o que os participantes da corrida no Postão sentiram, aprenderam, ou se apropriaram com a atividade que foi proposta e desenvolvida nas Olimpíadas. Não sei até que ponto nossas apostas atingiram e fizeram sentido às pessoas daquela comunidade, se atingiram, como atingiram? Que sentido teve a corrida na vida daquelas pessoas? Não sei! Mas, sei e posso falar de que forma essa corrida me atingiu, de que forma ela fez sentido na minha vida, de que forma ela proporcionou algum aprendizado na relação da educação física com a saúde no SUS. Assim, o capítulo seguinte, e final, deste trabalho é dedicado à apresentação e análise das percepções que tive sobre de que forma se deu a relação entre o esporte orientação e a saúde na região da Cruzeiro.

5. É MUITO FÁCIL SE PERDER LÁ DENTRO!

É muito fácil se perder lá dentro; essa foi a frase que pensei como título do capítulo final deste trabalho. Ela descreveu bem o que senti quando conheci a estrutura física do Postão. Ela também descreve como me senti fazendo parte da equipe do projeto de extensão Jogos em Rede na região da Cruzeiro; eu não sabia muito bem o que tinha que fazer. Tinha impressão que se criou uma expectativa muito grande sobre a corrida, tanto da minha parte quanto por parte da equipe. Assim, precisei manter a calma e ter humildade para aceitar o fato de que eu estava me sentindo perdida, mas, ao mesmo tempo, muito empolgada. A participação nas Olimpíadas Culturais da Grande Cruzeiro estava me exigindo uma *atitude orientista*.

Dizemos que uma pessoa tem atitude orientista quando essa aceita os riscos que a floresta pode apresentar e cria coragem para desbravar a mata até concluir o percurso. Percebo que na construção da corrida, a atitude orientista foi o encantamento com a proposta, implicou em correr o risco que a tarefa apresentava acreditando na minha capacidade para compor e trabalhar com a equipe. Acreditar que era possível. Acreditar e querer conseguir realizar o que estava sendo proposto. Contar e querer contribuir com as minhas referências sobre como realizar o esporte de orientação. Tudo isso compôs a minha atitude orientista na Cruzeiro.

Já no processo, recorri a equipe do Jogos em Rede, primeiramente para compreender a intenção da corrida no Postão, depois para fazer a mediação entre mim e o grupo de organização das Olimpíadas. Esta parceria me ajudou muito a pensar em estratégias que atendessem as necessidades que foram surgindo ao longo de todo o processo de construção das Olimpíadas da Cruzeiro.

Refletindo sobre a orientação e sobre o trabalho desenvolvido no Postão percebi que o que me manteve orientada e no rumo do caminho que precisava seguir foram as relações interpessoais estabelecidas. De certa maneira, é possível afirmar que a minha bússola foi a equipe do Jogos em Rede e o próprio grupo de organização das Olimpíadas. A afinidade, a confiança, a sensação de que um convívio e uma troca importantes estavam acontecendo; tudo isto me orientava. Obviamente que aquelas pessoas também tinham um conhecimento e uma vivência maior que a minha na área da saúde e naquela região da cidade; este aspecto me

tranquilizava. Poder contar com aquelas pessoas em todo o tempo da construção; isto foi a minha bússola.

Contudo, uma bússola também pode estar mal aferida e mostrar um caminho incorreto a seguir. Quando isto acontece, a bússola te levará a um lugar diferente daquele almejado. O que quero dizer com isso, é que da mesma forma que as relações interpessoais podem apontar uma direção segura, também podem te guiar num caminho diferente daquele que faz sentido à você e, assim, fazendo com que volte a sensação de estar perdido. O que fazer quando isso acontece? Dar uma de *carneiro* e seguir a primeira ideia que for sugerida sem nem ao menos refletir sobre a repercussão que essa terá ou ter uma atitude orientista, fato que implicaria no querer fazer e em ter coragem de buscar uma alternativa para achar o caminho?

Na orientação chamamos de carneiro a pessoa que fica seguindo outro durante uma corrida, justamente por estar perdida. É carneiro aquele que segue alguém, mesmo sem a menor noção se este outro também está perdido. Assim, ficar de carneiro seria aceitar todas as ideias apresentadas pelo grupo, sem questionar a sua funcionalidade na corrida, bem como sua coerência com as intenções e apostas dessa atividade. Pensar nas relações interpessoais como uma bússola é lidar com o risco de ser carneiro. Entendo que para escapar do risco de estar carneiro em processos coletivos é bem importante manter a atitude orientista.

Minhas referências técnicas sobre o esporte de orientação foram muito importantes para escapar do risco de ficar carneiro. O processo que foi muito colaborativo, também teve seus momentos de tensão e discussões. Nestes momentos também foi importante considerar o meu senso crítico, mesmo sobre dimensões com as quais eu estava pouco familiarizada; o território, as pessoas da Cruzeiro, a relação educação física e SUS. Contar com a minha bússola, mas também contar com a minha atitude orientista era como vivenciar uma tensão. Uma tensão entre o se perder e o se encontrar; uma tensão muito parecida com aquela que acontece entre a mata e o mapa.

Na orientação também utilizamos o mapa como ferramenta de navegação, é ele que nos dá os elementos da mata necessários para identificar os pontos de controle ao longo do percurso. O mapa é a representação de uma interpretação da mata, mas a mata é mais que o mapa, a mata é viva e apresenta elementos e situações que necessitam tomadas de decisões constantemente. Trazendo a ideia

do mapa e da mata para este trabalho, posso dizer que a mata na qual eu estava inserida foi o próprio contexto: o Postão, a presença da atividade de orientação dentro da programação das Olimpíadas, a comunidade do território, a vulnerabilidade desse território, a relação educação física e saúde pública, a diversidade dos atores locais, enfim, tudo o que caracterizava o próprio contexto das Olimpíadas. Porém ocorre aqui um tipo de paradoxo.

Ao mesmo tempo em que esta complexidade era como uma mata na qual eu estava envolvida, por outro lado, estes mesmos elementos formavam um tipo de mapa. Aquilo que dificultava a ação também, de certo modo, apontava caminhos. Interagir naquele lugar, conversar com aquelas pessoas, debater com os colegas do Jogos em Rede, aprender a me deslocar naquela região, escutar sobre as várias possibilidades da relação educação física e SUS; tudo isto foi desafiador e simultaneamente esclarecedor. Foi uma mata e um mapa.

De certa maneira, ainda é um mistério para mim, como mesmo a mata se transformava em mapa para, no momento seguinte, voltar a ser mata. Perdia-me e voltava a me orientar a todo o momento diante das várias informações e sensações durante a construção da corrida. Tal qual no esporte de orientação, meus sentidos eram exigidos em todo instante; minha sensibilidade precisava estar disponível à tarefa que não era só minha: realizar uma corrida no Postão.

A atitude orientista, a bússola, a mata e o mapa. Estes deslocamentos dos elementos do esporte de orientação para pensar um processo de construção coletiva envolvendo saúde, lazer, educação física e SUS. Envolvendo várias pessoas diferentes. Tudo isto foi um grande aprendizado para mim.

Não sei o quanto mesmo as crianças aprenderam sobre o direito à saúde naquele dia. Também não tenho muitas certezas sobre o quanto elas agora já sabem se deslocar dentro do Postão. Contudo, acredito que todos se divertiram bastante. Muitas crianças foram solidárias entre si, para cumprir a tarefa que a atividade exigia. Vi com meus próprios olhos muitas crianças brincarem juntas dentro do Postão. Houve vários relatos afirmando que isto ocorreu pela primeira vez na história daquele equipamento social. Penso que isso também é promover saúde!

REFERÊNCIAS

BROUGÉRE, Gilles. **A criança e a cultura lúdica**. Revista. Fac. Educ., São Paulo, v.24, n.2, p.103-116, jul./dez. 1998.

CBO (Confederação Brasileira de Orientação). **O que é Orientação?**. Disponível em <<http://www.cbo.org.br>> Acesso em: out. 2016.

CBO (Confederação Brasileira de Orientação). **Regras Gerais e Orientação Pedestre**. Santa Maria – RS – Brasil: CBO, 2012.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 – Conselho Nacional de Saúde. **Constituição Federal, da saúde, artigo 196?** Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/web_sus20anos/20anossus/legislacao/constituicaofederal.pdf>. Acesso em: nov. 2016.

DORNELLES, José Otávio. **Sequência Pedagógica do Esporte Orientação: Direção e Distância**. Trabalho de Conclusão Curso, Faculdade Metodista de Santa Maria, 2007.

PASINI, Carlos Giovanni Delevati. **Corrida de Orientação: Esporte e ferramenta pedagógica para ensino**. Três Corações. Gráfica Excelsior, 2004.

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra; BARCELLOS, Christovam. **O território no programa de saúde da família**. HYGIEIA, Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde. n 2 (2): 47-55, jun 2006.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. **Pronto Atendimento Cruzeiro do Sul**. Disponível em <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/default.php?reg=25&p_secao=837> Acesso em: nov. 2016.

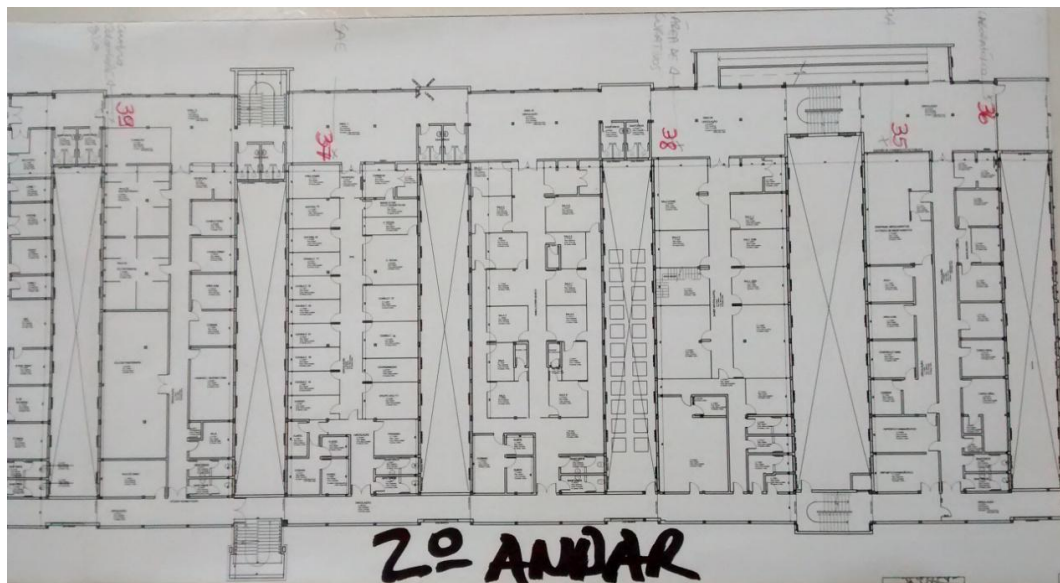
PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. Artigo Original. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, p.45-59, jan./jun. 2013.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **A cartografia e a relação pesquisa e vida**. Artigo. Psicologia & Sociedade; 21 (2): 166-173, 2009.

SCHERMA, Elka Paccelli. **Corrida de Orientação: Uma proposta metodológica para o ensino da geografia e da cartografia**. Tese de Doutorado, Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2010.

SOARES, Suellen Silva. **Uma história do esporte de orientação no rio Grande do sul**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. **Jogos em rede**: projeto de extensão. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/esefid/site/atividades-comunitarias/externas/>>. Acesso em: out. 2016.

ANEXO II: Mapas de gabarito com marcação dos pontos de controle**Pontos 31, 32, 33 e 34 (1º andar)****Pontos 35, 36, 37, 38, 39 (2º andar)**

Pontos 40, 41, 42, 43, 44 e 45 (3º andar)



ANEXO III: Fotos da corrida de orientação no Postão

Equipe Preto



Equipe Verde



Equipe Roxo

